



INFINITUM

Revista Multidisciplinar

ISSN: 2595-9549

RESENHA

GINSBURG, Carlo. **O Queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela a inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

José Alexandre Silva

Professor de História da Secretaria de Estado de Educação do Paraná.
Mestrando em Ensino de História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).
E-mail: alexandre875@hotmail.com

Um dos livros que tem tido grande influência sobre os historiadores brasileiros, nos últimos anos, é *O Queijo e os Vermes* do historiador italiano Carlo Ginzburg. O autor nasceu em Turim no ano de 1939 oriundo de uma família de intelectuais judeus cujo pai, Leone Ginzburg, professor de Literatura Russa, foi contemporâneo e amigo de Norberto Bobbio e a mãe, Natalia Ginzburg, era filha de um reconhecido histologista da Universidade de Turim. Leone aderiu ao movimento antifascista em 1934, foi preso por dois anos e depois de sair da prisão se tornou um dos criadores da Editora Einaudi. Morreu em 1944 numa prisão alemã na cidade de Roma em 1944. Natália, depois da guerra, voltou a escrever se tornando uma importante romancista com livros publicados em vários países. Ginzburg tem consciência do privilégio de ter nascido numa família da “intelligentsia” e suas principais influências para optar por seguir o caminho da história, na Scuola Normale em Pisa, se deve a intelectuais como Delio Cantimori, Arsenio Frugoni, que lhe estimulou a trabalhar com a revista *Annales* em 1958, quando tomou contato com a obra de Marc Bloch. Também foi bastante influenciado por Federico Chabod. Seu primeiro objeto de estudo foi com o tema das feiticeiras: “(...) *na época me escapou uma coisa surpreendente: a ideia de trabalhar com marginais, com hereges, podia estar ligada ao fato de eu ser judeu. Reprimi completamente esta associação, e foi um amigo que me alertou para ela como algo evidente* (GINZBURG, 1990, p. 254-257).

Em 2006 a Cia das Letras relançou *O Queijo e os vermes*, com o selo Cia de Bolso, em formato poquet com texto integral. Publicado em diversas línguas, o livro conta a história



de um moleiro da região do Friuli na Itália do século XVI. Ao pesquisar sobre uma seita de hereges, em fontes inquisitoriais, Ginzburg se deparou com um processo longo e detalhado sobre Domênico Scandela que também era chamado de Menochio. Este, mesmo declarando saber vários ofícios, se apresentava como moleiro e, de acordo com seus bens, talvez pudesse se comparar ao que, nos dias atuais, chamamos de classe média em comparação a seus vizinhos. Sabia ler e escrevia com alguma dificuldade, mas seu principal diferencial era falar demais.

Menochio falava demais e sobre coisas muito propensas a lhe trazer problemas com o Tribunal da Inquisição, como de fato lhe aconteceu com a denúncia de seu próprio pároco. Sua fala advinha da leitura de algumas obras circundantes na época. Livros que foram levantados por Ginzburg e tiveram seu conteúdo cotejado com as falas transcritas dos autos do processo possibilitando o teste e refutação de algumas hipóteses pelo historiador. Assim, as ideias de Menochio não o inseriam no ramo herege dos anabatistas e nem estavam ligadas ao ideário da Reforma, mesmo que o contexto reformista e o advento da imprensa, na medida em que este personagem histórico era um leitor, tenham tido um papel importante na difusão de seu ideário. A hipótese defendida por Ginzburg, como mais plausível, é que Menochio dava vazão a um radicalismo camponês mais antigo que a Reforma que afluía naquele contexto, mais longínquo da tolerância medieval, que preponderava no século XVI. Tal hipótese permite trabalhar com o conceito de cultura de modo a não enxergar esta apenas nos setores dominantes e cultos da sociedade.

As ideias de Menochio revelam uma independência e autonomia de pensamento que vão desde a questionar dogmas da Igreja, como a confissão, até a criar uma cosmogonia própria, onde toda a matéria era uma massa de queijo e os anjos seus vermes. Assim, sua visão da criação mantém uma relação com o seu mundo material, com a sua profissão. Seu modo de pensar não derivava de suas leituras, aliás, tais leituras eram passadas por uma espécie de filtro em que o leitor aproveitava o que melhor lhe aprazia para confirmar suas ideias. Era uma forma de ler na qual o que era lido ficava em segundo plano, podia ter seu sentido modificado ou reelaborado de outra maneira. Na maioria das vezes que foi inquirido sobre quem havia lhe ensinado tais ideias, respondeu que elas saíam de sua cabeça sutil e mesmo que tenha discutido ou emprestado livros e ou conversado com alguém fora o seu radicalismo que as moldara. Ideias que lhe fizeram passar por dois anos na prisão e quando conseguiu indulto para retornar à sua comunidade teve que ser marcado com uma veste que trazia o estigma de herege.

Retornou à sua aldeia, readquiriu seu estilo de vida normal, sendo eleito novamente como administrador de sua paróquia e arrendando outro moinho com seu filho. Entretanto, chegaram novas denúncias ao mesmo ao tribunal do santo ofício e, ao que tudo indica, o moleiro não conseguiu se manter calado, num sinal em que a abnegação de suas ideias não foi sincera. Sabedor de que por causa destas mesmas possivelmente morreria e triste por ter prejudicado seus familiares, os quais a esposa e o filho predileto já haviam morrido, foi novamente interrogado e considerado como relapso e reincidente. Seu caso ficou conhecido a ponto de o responsável por seu julgamento e punição ser pressionado por superiores, em nome do santo padre, para que fosse dada uma sentença condizente com a gravidade das formulações do moleiro para os dogmas da Igreja. Seu destino provavelmente foi selado pela Inquisição.

Uma descrição panorâmica da vida do moleiro está muito aquém de dar conta das principais qualidades do trabalho, dentre as quais lançar luz a noção de cultura popular aventada na hipótese de Ginzburg. Para além das dificuldades impostas pela mediação das fontes inquisitoriais, o historiador captou a existência de

(...) um estrato ainda não examinado de crenças populares, de obscuras mitologias camponesas. Mas o que torna muito mais complicado o caso de Menochio é o fato de esses obscuros elementos populares estarem enxertados num conjunto de ideias muito claras e consequentes, que vão do radicalismo religioso ao naturalismo tendencialmente científico, às aspirações utópicas de renovação social. A impressionante convergência de um desconhecido moleiro friulano e dos grupos intelectuais dos mais refinados e conhecedores do seu tempo repropõe com toda força o problema da circularidade da cultura formulado por Bakhtin (p. 19).

Cabe destacar que *O Queijo e os Vermes* se trata de um livro de história de um indivíduo “portador” de uma cultura popular, analisado por Ginzburg num contexto em que muitos estudos primavam por fazer histórias “religiosa serial” ou “quantitativa das ideias”, que extraíam suas principais informações de fontes massivas (p. 19-20). Tal aspecto merece ser levado em conta lembrando que uma das críticas contundentes que o livro recebeu é referente à “(...) dimensão de transferência da pesquisa na própria profissão histórica.” Assim, Ginzburg estaria ancorado no estudo de um indivíduo das classes populares conseguindo legitimidade para um projeto de dominação político institucional do seu contexto. (LACAPRA, 2015, p. 311). Num primeiro momento o ataque pode parecer sorrateiro demais, porém lembrando o estabelecimento de correntes historiográficas mais influentes, a dimensão política institucional é um fator levado em conta.

A alteração do foco vai do plural ao singular, reconvertendo números anônimos em pessoas, ou na melhor das hipóteses, trazendo a luz a pelo menos um indivíduo singular que a documentação permite e se trata de um caso significativo. E, não sendo novidades as biografias, o mais interessante do moleiro estudado por Ginzburg é o fato de ser representante das classes subalternas, dominante de cultura letrada é verdade, mas um popular que de alguma forma teve acesso a ideias nascidas em círculos intelectuais as reformulando com sua verve notadamente característica.

Qualquer tentativa de considerar esses livros “fontes” [Na primeira ocasião em que foi inquirido Menochio de uma lista de 11 títulos do segundo processo podem ser acrescidos mais 4] no sentido mecânico do termo cai ante a agressiva originalidade da leitura de Menochio. Mais do que o texto, portanto, parece-nos importante a chave de sua leitura, a rede que Menochio de maneira inconsciente interpunha entre ele e a página impressa [...] Essa rede [...] remete continuamente a uma cultura diversa da registrada na página impressa: uma cultura oral (p. 72).

Outro aspecto que de forma alguma pode ser no trabalho de Ginzburg, e também presente no trabalho de outros micro-historiadores, é a perspectiva de análise das fontes que valoriza a minúcia do detalhe, tão bem apresentada no artigo Enigmas de um paradigma indiciário. Um dos exemplos utilizados como modelo dessa perspectiva é o detetive Sherlock Holmes, personagem de Arthur Conan Doyle, famoso por extrair as mais relevantes informações para resolução de seus casos a partir de um olhar apurado aos detalhes por outros negligenciados. No trabalho do historiador tal prática resulta numa leitura densa de fontes atentas a detalhes que, levados em conta, podem obrigar o pesquisador ao cotejamento com outras fontes e levar suas conclusões para lugares inesperados. Em fontes como as que Ginzburg utilizou em *O Queijo e os Vermes*, oriundas de um órgão de repressão que é um tribunal inquisitorial, tal perspectiva de análise lhe propiciou chegar a resultados que podem surpreender seus leitores

Tem um apelo a leitores não especializados, o grande público ou ao menos, um público mais amplo que os historiadores, tanto pela singularidade do personagem quanto pela escrita de seu autor, que já foi mencionada por alguns críticos como literária ou cinematográfica. Trata-se de intencionalidade, confessadamente, Ginzburg planeja escrever para além de sua comunidade acadêmica conjecturando o efeito de suas obras em seus leitores. Considerava a linguagem escrita utilizada pelos historiadores italianos muito fechada, o que parece um mal não circunscrito à Itália e um problema atual debatido por alguns historiadores brasileiros e

superado por outros poucos. Outro indicativo de um direcionamento para um público não especializado é o fato de as notas de rodapé terem sido dispostas ao final da obra, o que, se por um lado, torna mais difícil a leitura de quem se interessa por estas, por outro, dá à edição um visual mais leve e atrativo. O que não é nada condenável, lembrando da velha crítica na qual os historiadores escrevem apenas para seus pares.

Se *O Queijo e os Vermes* é um livro que figura entre os clássicos da historiografia internacional, isso a nosso ver ocorre por vários motivos. O livro consegue servir de referência a várias áreas da história, como a história da leitura, história cultural e a biografia. Se insere numa tradição historiográfica apartada das histórias nacionais, a narrativa tecida por Ginzburg sobre Menochio é capaz de gerar interesse em qualquer lugar do mundo. Trata-se de obra indispensável aos profissionais de história, principalmente, àqueles que acreditam que o historiador deve interpretar o passado. E nos dias atuais àqueles que pensam com a perspectiva da micro-história de buscar no singular aspectos que podem iluminar as realidades mais amplas contam com o desafio das velocíssimas mudanças trazidas pelo século XXI. As mudanças sensíveis nas estruturas dominantes e geradoras de novas sensibilidades e singularidades que percebemos nas últimas décadas certamente estão gerando a vão gerar ainda mais novos elementos a serem levados em conta no trabalho dos historiadores. Para estes, o trabalho de Ginzburg continua inspirador.

Em tempo, vale lembrar que num evento na Universidade de Rosário, na Argentina em 2018, Carlo Ginzburg se deixou fotografar com um pequeno cartaz com a #ELENÃO, uma postura condizente com seu histórico familiar de luta contra o fascismo na Itália.

REFERÊNCIAS

GINSBURG, Carlo. História e Cultura: Conversa com Carlo Ginzburg. **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, vol, 3, n. 6, 1990.

LACAPRA, Dominick. O queijo e os vermes: o cosmo de um historiador do século XX. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, 2015.